

TAMARIS DE CAMPOS FONTANELLA

O RESGATE DA ENERGIA DO SAGRADO FEMININO:
PULSAÇÃO ENERGÉTICA DOS ARQUÉTIPOS
DAS DEUSAS DO SÉCULO XXI

Projeto de Monografia apresentado como requisito parcial de conclusão do quarto módulo do curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

**BIBLIOTECA DO
CENTRO REICHIANO**
www.centroreichiano.com.br

CURITIBA
2009

Fontanella, Tamaris de Campos

O resgate da energia do Sagrado Feminino: uma caracterização energética dos arquétipos das Deusas do Século XXI / Tamaris de Campos Fontanella – Curitiba, 2009.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal.

1. Arquétipos.
2. Auto-regulação.
3. Caractereologia Pós-Reichiana
4. Energia.
5. Pulsação.
6. Sagrado feminino.

DEPARTAMENTO
DE BIBLIOTECA E ARQUIVO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno TAMARIS DE CAMPOS FONTANELLA.

Curitiba, 18 de Agosto de 2009



Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 Jardim Botânico Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

Reverências a Valdete C. Fontanella, minha linhagem ancestral direta do Sagrado Feminino, sem ela o meu caminhar nesse redespertar não teria base fundamental. Ao Alfredo Fontanella, que muito me ensinou nas etapas do meu desenvolvimento da energética masculina. A Daniel Calegari que com paciência, companheirismo e amor vem dividindo comigo sonhos e conquistas. Aos mestres reichianos Dimas Calegari, José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi e ao Universo por essa possibilidade de cruzar nossas malhas para o meu crescimento e aprendizado. A todas as mulheres-deusas e clientes que vêm contribuindo com meu trabalho de Resgate do Sagrado Feminino, pois sem elas esse trabalho não teria fundamentação e resultados na área da Terapia da Mulher. E a todas as Deusas nascidas e que venham a nascer. Por todas as nossas relações, Namastê!

"A Relação da mulher com o seu próprio princípio feminino é um estado que a controla do fundo de sua própria natureza, mas ela está muitas vezes extremamente inconsciente de que seja isto que a controla". (HARDING, 1985, p. 44)

Resumo

Há um mundo novo de possibilidades para a energia feminina em nossa sociedade. Já há algum tempo percebemos que as mulheres não precisam se restringir a ser somente uma "prenda do lar". Atualmente podem ter acesso à carreira escolhida ao mesmo tempo em que são filhas, esposas e mães e, no momento, perguntam-se como manter todas essas atividades sem correr o risco de perder o equilíbrio, sem perder a conexão com o próprio *self*. Não tendo o propósito de esmiuçar o mundo mitológico dos arquétipos, esta monografia tem como objetivo verificar a possibilidade da energética existente nos modelos arquetípicos das deusas gregas ancestrais (Perséfone, Deméter, Ártemis, Atena, Afrodite e Hera), que com sua força representativa, compõem o que os estudos contemporâneos denominando-as de *As Deusas do Século XXI* designadas por Woolger & Woolger (2007) em sua força de mulher-social (mulher-Perséfone, mulher-Deméter, mulher-Ártemis, mulher-Atena, mulher-Afrodite e mulher-Hera), através da análise reichiana, em termos de pulsação, na classificação de expansão e qualidade energética (auto-regulação) psicossociais, as *feridas sagradas*.

Palavras-chave: Arquétipos. Auto-regulação. Caracteriologia pós-reichiana. Energia. Pulsação. Sagrado feminino.

Sumário

Resgate do Sagrado Feminino	1
CAPÍTULO 1 – O SAGRADO FEMININO.....	5
1.1. Visão matrifocal da antiga tradição.....	5
1.2. A ligação das deusas ancestrais e as deusas da atualidade.....	8
1.3. As deusas contemporâneas	10
CAPÍTULO 2 – INTEGRANDO O SAGRADO FEMININO À ENERGÉTICA REICHIANA	15
CAPÍTULO 3 – VISÃO DE ENERGIA NO CONTEXTO REICHIANO.....	19
3.1. Os estudos de Reich até o descobrimento da energia Orgone	19
3.2. A energia Orgone	21
3.3. A pulsação e o conceito de couraça	23
CAPÍTULO 4 - A PULSAÇÃO DAS DEUSAS CONTEMPORÂNEAS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS – O reequilíbrio das feridas sagradas	28
REFERÊNCIAS	31

Resgate do Sagrado Feminino

O termo *Sagrado Feminino* vem sendo muito divulgado em diversas áreas da sociedade, não só no âmbito da terapia da mulher, como também em diversos outros contextos, acentuando-se desde o lançamento de "O Código da Vinci" (2003) de Dan Brown. Brown nos traz um conceito de que o sagrado feminino é provindo de uma cultura ancestral enraizada no matriarcado, no início das religiões, e supostamente com a vinda da igreja cristã ela teria perdido sua força, dignidade e poder.

Não só restrita a essa visão de Brown, mas em toda a sua concepção esse termo está relacionado a Thealogy, literalmente o "*Estudo da Deusa*" (grego thea = deusa e logos = estudo), citado por Issac Bonewits, em 1976, em *The Druid Chronicles*, como uma reflexão sobre o divino em termos de feminino, onde a natureza sagrada do feminino habita a natureza da criação e as forças de regeneração e integração.

Harding (1985) traz que a relação da mulher com o seu sagrado percorre um conceito sobre si mesma e por si mesma sem os parâmetros do masculino ou do imaginário destoante da sua consciência e de seus ciclos naturais de ser mulher.

Dentre esse mundo novo de possibilidades para a energia feminina em nossa sociedade, já há algum tempo percebemos que as mulheres não precisam se limitar a ser somente uma "prenda do lar". Atualmente podem ter acesso à carreira escolhida ao mesmo tempo em que são filhas, esposas e mães e, no momento, se perguntam como manter todas essas atividades sem correr o risco de perder o equilíbrio, sem perder a conexão com o próprio *self*¹.

Essa questão da posse do auto-equilíbrio tem sido assunto de diversos autores focados na área da Terapia da Mulher Contemporânea, e tem sido meu foco de estudo e de trabalho denominado de "Resgate do Sagrado Feminino".

Longe de ser um movimento feminista, esse redespertar de uma nova lucidez feminina em nossa sociedade, especialmente nos países ocidentais, não nos deixa determinar uma data precisa das origens, dada a rica variedade de experiências de tantos tipos diferentes de mulheres.

¹ Self (si-mesmo): princípio ordenador da personalidade inteira. [N. do A.]. Segundo Jung "deve ser compreendido como a totalidade da esfera psíquica. O Si-mesmo não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente" (JUNG, 1991, § 44, p.51).

As histórias agem, recontam novas histórias e é constatado quando do estudo na Mitologia que quando se altera uma estrutura social de uma região, alteram-se conceitos sócio-econômicos, culturais, científicos e da sexualidade humana na determinada época desse processo sociológico de modo indireto e de forma muito complexa.

De acordo com Campbell (2002), os mitos projetam romances, símbolos de *insights* adultos, sintomáticos de uma patologia infantil, nos quais todos conduzem à maturidade através da interpretação de metáforas. Dessa forma os poderes da psique são conduzidos com objetivos de amadurecer relações, primeiro referentes às responsabilidades de uma vida adulta e, depois, à sabedoria da idade.

Gaiarsa (1984) designa que os arquétipos seriam modos psicomotores de contenção e transformação de afetos, considerando-os como dados do homem em função da dinâmica de sua configuração corporal e termodinâmica.

Os mitos das deusas ancestrais nos trazem à vida psíquica, regida por princípios inerentes à própria natureza da psique, de forma a serem considerados arquétipos (do grego *archétypos*, sendo que *arché* significa princípio, origem, causa primordial, e *typos* significa marca, forma).

Esses arquétipos são como fatores dinâmicos, princípios formadores da vida, conhecimentos da essência dos dominantes, dos acontecimentos psíquicos predominantes de uma época.

De acordo com Harding (1985), os acontecimentos psíquicos de processos do inconsciente coletivo causam *imprinting* das idéias ancoradas nas percepções dos sentidos humanos, instintos primários, e na relação com o mundo circundante perturbado e, são responsáveis pela natureza de nossas neuroses como um processo de compensação que acontece de dentro da esfera pessoal, na medida que os interesses vitais da personalidade tendem a compulsão de estar sempre com a razão.

Segundo Reich (1995) os mecanismos e caminhos da estrutura social e da existência do homem não são somente espelhos do ser humano como sujeito da História, mas também transformam a estrutura psíquica em ideologia. Cada ordem social produzirá as estruturas de caráter de que necessita para existir em seu determinado tempo e espaço, de forma que durante a transição do matriarcado para o patriarcado, a divergência entre a renúncia forçada da antiga ordem ocasionou um assoreamento parcial ou total

da satisfação das necessidades naturais resultando em um efeito de degeneração sobre a tradição do matriarcado.

Essa degeneração chamada de “as *chagas das deusas*” por Woolger & Woolger (2007) resultaram em mágoas profundas empreendidas pelo confronto das forças masculinas e femininas na cultura ocidental.

A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, isto é, vêem-se com os olhos do efeito dessa degeneração.

Como uma referência à questão do auto-equilíbrio e a reconexão com o verdadeiro *self* na área da Terapia Mulher Contemporânea, no capítulo 1 procedo com a ambientação do conceito do Sagrado Feminino, com foco em suas bases ancestrais, sua evolução e a visão contemporânea da fragmentação do *self* feminino. No capítulo 2 desenvolvo a ligação desse conceito ao universo reichiano que é seguido de complementação descrita no capítulo 3 com a visão de Reich, de energia e pulsação, ancorando a caracterização das forças arquetípicas das deusas ancestrais gregas (Perséfone, Deméter, Ártemis, Atena, Afrodite e Hera), que compõem o que os estudos contemporâneos denominam de *As Deusas do Século XXI* (Woolger & Woolger, 2007) Assim, através da análise reichiana, no capítulo 4 finalizamos esse trabalho tecendo alguns comentários sobre a pulsação energética.

Não tendo o propósito de esmiuçar o mundo mitológico dos arquétipos, essa monografia traz como objetivo verificar a possibilidade da energética de *As Deusas do Século XXI* (mulher-Perséfone, mulher-Deméter, mulher-Ártemis, mulher-Atena, mulher-Afrodite e mulher-Hera), através da análise reichiana, em termos de pulsação (expansão e qualidade energética: auto-regulação) como consciência de identidade funcional-social.

CAPÍTULO 1 – O SAGRADO FEMININO

1.1. Visão matrifocal da antiga tradição

De acordo com Moraes (2001), o mistério da mulher é talvez o mais velho e significativo assunto da história. A primeira religião da humanidade foi o culto da Deusa Mãe (*Magna Mater*). São muitas as evidências dessa Antiga Religião provindas dos estudos arqueológicos, na forma de estátuas, amuletos, vasos, pinturas rupestres, mais especificadamente encontradas na Europa.

Entre as primeiras imagens descobertas que retratam a Deusa estão as nomeadas Vênus, figuras femininas com seios e vulvas exageradas que datam da Era de Cro-Magnon, do Paleolítico superior, entre os períodos de 35000 a 10000 a.C. (PRIETO, 2003, p. 22)

Segundo Prieto (2003), na África do período Protoneolítico (9000 a 7000 a.C.) e do Neolítico Alto (4500 a 3500 a.C) foram encontradas imagens de Deusas decoradas como se fosse objeto de culto, que pareciam bissexuadas, autofertilizando-se.

A grande maioria das esculturas neolíticas européias retratavam o corpo feminino, e a muitas de até 30.000 a.C. foram, inicialmente, consideradas arte erótica, que posteriormente foram reconhecidas como instrumentos de cultos dos antigos povos através dos estudos arqueológicos e históricos.

Há relatos de antigos cultos à Grande Mãe florescentes na "Suméria, na Ásia Menor, no Egito e na ilha de Creta entre aproximadamente 4000 e 1000 a.C." (Woolger & Woolger, 2007).

No Período Mesolítico os primitivos habitantes da Europa já se organizavam em tribos e aldeias, cultivavam a sua terra e criavam seus animais para a subsistência dos seus povos.

A humanidade ao começar a viver em grupos, tantos homens, quanto mulheres, puderam conviver com uma nova dimensão de sensações, sentimentos, sacralização e humanização.

Essas sociedades eram matrifocais, pois a mulher era a guardiã de muitos segredos.

O historiador Quintino (2000), nos descreve com muita beleza e simplicidade o observar dos europeus primitivos em relação aos ciclos femininos e a relação desses ciclos com os da natureza:

O homem de então olhava admirado para a barriga de sua companheira, que inexplicavelmente inchava mais e mais, mês após mês, até que, findo um período de nove luas, um novo ser humano aparecia. Essa mesma companheira, quando sua barriga não inchava, sofria sangramentos a períodos regulares, também determinados pelas lunações. Os caçadores e os guerreiros, quando feridos em caçadas ou nas batalhas, sangravam de modo semelhante, muitas vezes perdendo a vida devido a essa hemorragia. Como podia então a mulher sangrar e sobreviver? Havia algo de divino nisso... (QUINTINO, 2000, p. 22)

Esses povos ancestrais não tinham um calendário fixo como o nosso, conheciam somente a parte clara e escura do ano, pela sua observação da natureza através do passar das estações que determinavam o florescer, frutificar e morrer das árvores e plantas, a procriação, a migração e retorno dos animais e pássaros, o engrossamento, congelamento e degelo dos rios e lagos, as temporadas de chuvas, calor e estio.

Também não possuíam conhecimentos sobre os aparelhos reprodutores masculinos e femininos e o mecanismo de concepção: "as mulheres acreditam que teriam gerado seus bebês a partir delas mesmas, sem a ajuda do homem, ou do ato sexual, e por isso eram consideradas doadoras da vida" (PRIETO, 2003, p. 21).

Como bom observador, o homem antigo, percebeu um fator comum a todos esses fenômenos: "a influência de uma grande esfera luminosa que transitava pelo céu noturno, a lua, que determinava o passar do tempo e a seqüência dos eventos acima mencionados" (QUINTINO, 2000, p. 22).

Na figura da lua havia a presença da força divina que a tudo regia o que fazia parte de sua vida; a esta deram o nome de Deusa. A relação de suas mulheres com esta Deusa era mesmo um aspecto divino, o mesmo que era observado na natureza, e estas também eram consideradas divindades, representando a força dos céus na terra.

Essa visão matrifocal, de que a vida era responsabilidade feminina, segundo McCulloch (1911), também se estendeu a uma cultura matrilinear, onde as crianças nascidas, deuses e heróis, recebiam o nome de sua mãe e de sua linhagem.

Consideradas "*Sacerdotisas da Deusa*", as mulheres, portadoras de todo o poder presente na natureza, tinham *status* social mais alto do que os homens, de longe eram consideradas dependentes destes, e tinham funções sociais ligadas à vida, subsistência, cuidado e morte dos homens na Terra.

Xamãs adivinhas, parteiras, curandeiras, transmissoras da cultura, guardiãs dos mistérios, tinham implicação direta com a ciência e filosofia: foram elas que catalogaram o uso medicinal das plantas, criaram os primeiros calendários lunares que controlavam os ciclos menstruais, as colheitas e os plantios, desenvolveram a língua, a agricultura, a educação, o artesanato e a culinária, enquanto os homens se dedicavam à caça e a segurança das tribos.

Quando as religiões pagãs, enraizadas no matriarcado, foram, efetivamente afastadas da sacralidade pelo cristianismo, a partir do século quinto, o acesso à Deusa Ancestral tornou-se restrito.

Os cultos primitivos matrifocais permaneceram na obscuridade social, onde ensinamentos passados de geração para geração permaneceram também no inconsciente coletivo.

Embora se fortaleceram pela Revolução Feminina, Matthews (1952), nos indica que a Deusa ancestral esteve envolvida nessas diversas questões, mas não totalmente limitadas à reforma política, como uma figura de proa do movimento feminista:

Ela veio, através da psicanálise, para sanar a divisão que havia na psique ocidental entre a cabeça e o coração, a percepção racional e intuitiva. Os analistas estimularam e exploraram, com seus clientes, os mitos, histórias e imagens da Deusa, para ajudar e curar esta ruptura. (MATTEWS, 1994, p. 23)

Também, proporcionaram a religação da ciência e da religião em uma nova dimensão com os movimentos da Nova Era ou *New Age*, posteriormente com o Holismo e atualmente com o Xamanismo.

Paralelamente aos novos movimentos políticos, religiosos, sociais ou espiritualistas, as ligações íntimas com o meio ambiente, a ecologia, trouxeram a veneração à Mãe Terra ou Gaia, como percepção da nossa realidade, em preservação e reconstrução das reservas naturais, espécies vivas e da natureza em toda a sua magnitude para a continuidade da vida qualitativa e quantitativa do ser humano.

Hoje, tão viva entre nós, a energia ancestral divina feminina não passa mais despercebida, seja por mulheres ou por homens, diminuindo as fronteiras de divisões de gêneros, proporcionando a todos uma nova concepção de integridade e de comunhão.

1.2. A ligação das deusas ancestrais e as deusas da atualidade

A deusa antiga, de acordo com Matthews (1994), é habitualmente definida de duas formas: (1) classificada em termos do ciclo da vida, regendo a concepção, o nascimento, a nutrição, o crescimento, a evolução, a morte e a imortalidade ou (2) de acordo com a cultura dentro da qual ela aparece dando-lhe inerente aplicabilidade, mas de todas as formas ela é um ponto de referência.

Ela aparece como a deusa da natureza, *Dea Natura*, e a Grande Deusa da Lua e da Terra, que é mãe, irmã, amada, destruidora, bela feiticeira, bruxa feia, vida morte, tudo em uma só pessoa ou em aspectos diferentes da pessoa. (DOWNING, 1998, p. 39)

De muitas, ela é uma, e de uma, apresenta inúmeras facetas da natureza feminina:

Através dos séculos, a Deusa adquiriu milhares de nomes e faces, sempre representando a natureza foi associada ao Sol, à Lua, à Terra, aos Céus. [...] Ela é uma força multifacetada que expressa uma variedade de formas [...] Ela é Grande Mãe, que representa a fertilidade, que faz a vida desabrochar, Ela é considerada a Mãe natureza, a própria biosfera, de planetas e força de elementos. Ela é a Criadora e Destruidora, a Rainha dos Céus e da Lua. (PRIETO, 2003, p.24)

Ísis, Astarte, Diana, Hécate, Deméter, Kali, Inanna, Baubo, Airmid, Eurínome, Coatlicue, Perséfone, Brighid, Freya, Tara, Vily, Kubaba, Lei-Zi, Ixchel, Kuan Yin, Calipso, Danu, Ceres, são alguns de seus nomes conhecidos ou não tão familiares, por isso é chamada de *A Deusa dos Dez Mil Nomes*, não sendo um exagero, pois seguramente existem muitos mais.

Nossa ancestral feminina primordial surge em inúmeras imagens: donzela, virgem, guerreira, mãe, anciã, sábia. Encantadoras, assustadoras, amigáveis, úteis ou perigosas, ou até mesmo, em figuras de animais – gato, cobra, pomba, cavalo, vaca, coruja – quando atribuídas o poder de divindade feminina, nas diferentes culturas e civilizações históricas da humanidade.

Trazem elementos, comportamentos e envolvimentos que formam a teia das mulheres em conexão com a vida. Inspiram e encantam gerações e gerações no entendimento da energia feminina.

A energia feminina, segundo Griscom (1991) é uma faceta inerente ao ser humano integral, aspecto intrincado e sutil herdado por todos, tanto homens

como mulheres, tendo em vista que cada ser é uma parte de um pai e de uma mãe, cada ser carrega consigo a herança do feminino:

Em toda a pessoa existe uma mulher, uma mulher de muitas dimensões. Existe uma mulher relativa à parte física, que talvez expresse a energia feminina alimentando fisicamente, consolando, proporcionando emoção ou dando à luz. Existe uma expressão do feminino na parte mental, quando procuramos fundir idéias numa força criadora [...]. (GRISCOM, 1991, p.13)

O resgate das deusas ancestrais traz às deusas atuais uma descrição psico-social que descrito conforme Woolger & Woolger (2007) se refere a um tipo de complexo da personalidade feminina que reconhecida intuitivamente em nós, nas mulheres a nossa volta, e também nas imagens e ícones que estão em toda a parte em nossa cultura.

Deusa, definida por Woolger & Woolger (2007), é a forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopéia mitológica.

Quando uma deusa ancestral tem, em sua energética, características intrínsecas, como por exemplo, uma deusa cuidadora, geradora e mantenedora da subsistência de seus filhos, com doação e instinto maternal profundos, estamos diante de um arquétipo de deusa mãe. Podemos nomeá-la Ísis, Danu ou Deméter, e tantas outras ancestrais da humanidade.

Em cada ser humano existe, no mais profundo do seu mundo interior, a recordação da Mãe. Mãe como natureza, mãe como mulher que gerou e criou, mãe como símbolo de toda a poderosa força criadora individual e universal. São impressões psicológicas muito antigas, relacionadas com a experiência do nascimento e da morte. A imagem arquetípica de uma formidável energia que pariu tudo o que existe fica latente no plano inconsciente até que se ative pelas experiências da vida [...] Tudo é parte do amplo conjunto de memórias do processo evolutivo humano. (PENNA, 1993, p. 87 - 88)

Ísis, Danu ou Deméter não são simples mães biológicas, que representam arquetipicamente o instinto de cuidar de tudo que é pueril e carente de defesa. Dedicadas de generosa doação e acalento, todos a conhecemos quando como profundo dedicar do carinho de mãe e a encontraremos hoje, nessas características, no nosso âmbito social, e em nós, mulheres ou homens.

As deusas atuais, ou chamadas contemporâneas, não estão nas pinturas e artes primitivas, nos rios, nas árvores, no Olimpo, nos céus, no subterrâneo, em altares, museus, santuários ou templos.

As deusas contemporâneas estão ativas na vida, no dia-a-dia, aqui e agora, gerando vidas, cuidando de seus filhos e familiares, dedicando-se ao trabalho, ao seu casamento, aos seus estudos, aos relacionamentos humanos, amorosos e sexuais, cuidando da sua beleza e saúde, buscando suas experiências espirituais, sua realização profissional e financeira, e tantos outros momentos, conquistas e prazeres da vida.

1.3. As deusas contemporâneas

Com o advento da sociedade patriarcal a condição feminina perdeu parte de seu *self* sagrado, que também atuava como identidade funcional-social, e foram desintegrados pilares importantes de consciência da percepção de si, o contato com emoções profundas e expressões individuais da vida nas deusas contemporâneas.

Na atualidade vemos a classe feminina, retomando esses pilares através da sua sexualidade, transformando hábitos, tradições, anseios sexuais e espirituais. Estão descobrindo que por suas forças interiores podem provocar mudanças na sua própria realidade em direção ao autoprazer e realização na busca das Deusas Interiores resgatando o sagrado da tradição do matriarcado.

Da necessidade premente de compreender as emoções humanas atuais e a integração do sagrado feminino ancestral, a Terapia da Mulher Contemporânea trabalha com a magia da Mitologia e de seus arquétipos como um foco de identificação para restabelecimento de uma identidade.

A escolha arquetípica de meu trabalho, como resgate do Sagrado Feminino, toma como base as deusas gregas, por determinarem um tempo e espaço na linha cronológica da humanidade de transição e assimilação da energética matrifocal com bases patriarcais.

O matriarcado teria sido subjugado pelo domínio masculino ao surgir à propriedade privada, instaurando-se, então, o patriarcado:

[...] a abolição do direito materno foi a grande derrota do sexo feminino. O homem assumiu o timão da casa; a mulher foi submetida, domesticada, feita escrava de seu prazer e um simples instrumento de reprodução. Esta degradada condição da mulher, tal como se manifestou sobretudo entre os gregos dos tempos heróicos, e mais ainda nos tempos clássicos, foi gradativamente retocada e dissimulada, ou mesmo suavizada em alguns lugares, mas de maneira alguma suprimida. (ENGELS, 1884, p. 66).

O casamento, forçado, de Hera com Zeus, relacionados a mãe e ao pai do povo grego, trazem mitologicamente essa transição do matriarcado para o patriarcado.

Hera, considerada uma deusa-mãe-poder, de origem pré-helênica, foi impelida a se casar com Zeus, o deus celeste, logo após invasores patriarcais vindos do norte tomarem conta de Samos (templo grego mais antigo) e de outros lugares sagrados.

Os mitos nos contam que o casamento, violento e tempestuoso, trouxe à Hera muitos inconvenientes, como a divisão de seu trono, constrangimentos de relações extraconjugais e de subjugação, para não perder inúmeros dos seus atributos de divindade feminina.

Claramente simboliza a fusão das culturas, matriarcais e patriarcais, e a divisão da deusa ancestral, permitida para que a deusa permanecesse viva, mas numa forma enfraquecida:

Durante muitos séculos entre as primeiras invasões nórdicas e o surgimento das cidades-estado de Esparta e Atena nos séculos VI e V a.C., os aspectos dispare e separados da antiga Deusa-Mãe transformaram-se lentamente nos cultos que hoje associamos aos das deusas mais proeminentes. E, à medida que a cultura grega foi se tornando mais complexa e diversificada, o mesmo aconteceu com suas divindades. Foi no decorrer dessa época essencialmente tolerante e pluralista que as deusas se tornaram "departamentalizadas" de várias maneiras. (WOOLGER & WOOLGER, 2007, p.29)

Paralelamente, a essa visão da transitoriedade, temos figuras arquetípicas bastante familiares em nossa sociedade, conhecidas através da literatura, das artes e da astrologia. As civilizações de Grécia e Roma nunca pararam de fornecer modelos para a cultura ocidental:

Todavia, a cultura clássica caminhou emparelhada com outra grande corrente cultural que moldou espiritualmente o Ocidente, a saber, a tradição judeu-cristã. Na realidade, poderíamos dizer, em termos bem amplos, que a civilização ocidental surgiu de uma dialética tremendamente complexa entre os modelos e valores seculares da Grécia e de Roma, e os valores religiosos do judaísmo e de sua progênie, o cristianismo. (WOOLGER & WOOLGER, 2007, p. 19)

Embora, preservada, as deusas gregas em suas inúmeras facetas (Hera, Perséfone, Deméter, Ártemis, Afrodite, Atena) enfraqueceram-se com a decadência do Olimpo. A integridade psico-socio-espiritual foi fragmentada.

Sua sobrevivência foi alimentada na Renascença, por Botticelli, em sua arte, por Shakespeare em sua literatura, e hoje renasce com outros nomes:

Com persistência extraordinária, o espírito de Atena reencarna-se mudando seu nome para Britânia ou Liberdade, e prossegue mantendo a guarda sobre as cidadelas e nações poderosas. Embora Afrodite seja constantemente denegrada, seu espírito de amor e beleza continua ressurgindo; seria provavelmente em Hollywood. Hera também vive entre nós em espírito; é ela quem administra hoje o clube de campo, a firma de investimento e a rede de hotéis. Na realidade, com variadas aparências, as deusas continuam bastante presentes, exercendo sua poderosa influência na vida de todos nós. (WOOLGER & WOOLGER, 2007, p. 30)

Para todos os aspectos, nos estudos de nossas deusas Contemporâneas, utilizaremos o termo mulher-Deusa: mulher-Perséfone, mulher-Deméter, mulher-Artémis, mulher-Atena, mulher-Afrodite e mulher-Hera, com objetivo da identificação da psique arquetípica com a da mulher atual, determinadas por Woolger & Woolger (2007), nos estudos de *A Deusa Interior*, como as Deusas do Século XXI.

Todas nossas mulheres-deusas possuem características evidenciadas pela forma comportamental e atual em nossa sociedade. Algumas de suas características, sem que tenhamos que adentrar ao mundo mitológico nesse momento, de acordo com Bolen (1973) e Woolger & Woolger (2007), são:

Mulher-Perséfone: envolvida com a psiquê, media os processos do inconsciente e a espiritualidade. É atraída pelo oculto, por experiências místicas e visionárias. Infantil e juvenil, não parece interessada em se afirmar femininamente ou estar presente de forma atuante nesse nosso mundo.

Mulher-Deméter: já citada anteriormente, tem instinto cuidador, gerador e mantenedor da vida e da subsistência daqueles que ama e dos que estão ao seu redor de forma maternal profunda.

Mulher-Ártemis: regida pela energia da natureza, energética, aventureira, prática, atlética, visionária em busca de se envolver fisicamente nas experiências de prazer e realizações, é ligada apenas superficialmente ao mundo civilizado.

Mulher-Atena: representante da sabedoria e da civilização, empreendedora, extrovertida, prática e demasiadamente inteligente, está envolvida basicamente com o mundo de idéias e pessoas, reformas políticas e sociais.

Mulher-Afrodite: deusa do amor, não sendo somente sexual, presente em todos os aspectos que regem o envolvimento e o contato, está voltada aos relacionamentos humanos, a sexualidade, ao prazer, a beleza e a inspiração.

Mulher-Hera: nossa grande matriarca, deusa dos céus, governante, confiante, uma líder nata, tem sua energia voltada aos relacionamentos dos seres humanos, posições sociais, matrimônios e ordem social.

A fragmentação das deusas ancestrais no patriarcado proporcionou às nossas deusas-mulheres uma distorção, um poder desvirtuante do arquétipo primal, afetando a energética natural do poder do sagrado feminino na civilização ocidental:

Em nossa reverência exclusiva ao princípio paterno, em que suprimimos e menosprezamos o feminino, acabamos provocando graves danos à nossa saúde psíquica individual e coletiva. Isso sem mencionar a saúde física de nosso corpo e a do próprio planeta Terra. [...] precisamos prestar atenção especial ao que chamamos *chagas das deusas*: as mágoas profundas que todas elas sofreram, ferimentos que lhe foram infligidos durante a longa história de batalha psicológica pela supremacia empreendida pelas forças masculinas na cultura ocidental. (WOOLGER & WOOLGER, 2007, p. 21)

Provocadas por uma contenção psico-social, as *chagas das deusas*, como as neuroses, que de acordo com Volpi & Volpi (2003), são resultantes de uma educação familiar patriarcal, modificam e modelam as estruturas psíquicas em toda a sociedade e as estruturas caractereológicas necessárias para a ordem social e as atitudes sociais herdadas responsáveis pela formação da estrutura de caráter².

A neurose é o resultado do embate entre as exigências pulsionais recalçadas em especial, as da primeira infância, e as forças do ego que as impedem de eclodirem na consciência. O fracasso dessa luta resulta em sintomas neuróticos ou traços de caráter neurótico. (OLIVEIRA, 2004, p. 18)

Os conflitos intrapsíquicos que inibem as condutas sociais passam a fazer parte da estrutura de caráter. Essa estrutura, ainda segundo Volpi & Volpi (2003), para manter-se íntegra cria mecanismos de resistência que servem como meio de evitar o que é desagradável, a fim de estabelecer e preservar um equilíbrio psíquico (ainda que muitas vezes neurótico), e, por fim, possibilitar o consumo de quantidades recalçadas de energia e/ou quantidades que escaparam a repressão:

O caráter consiste numa mudança crônica do ego que se poderia descrever como um enrijecimento. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. [...] A couraça de caráter forma-se como resultado crônico de choque entre

² **Caráter:** De acordo com Reich (1953) é a estrutura típica do indivíduo, sua maneira estereotipada de agir e reagir sendo funcional e biológico, não um conceito estático, psicológico ou moralista.

exigências pulsionais e um mundo externo que frustra essas exigências. (REICH, 1995, p. 151)

Contudo, Reich (1995), salienta que o próprio mecanismo de resistência protetivo (couraça) criado, deve ser flexível reagindo de acordo com o princípio do prazer e desprazer, ou seja:

Em situações de desprazer a couraça se contrai; em situações de prazer, ela se expande. O grau de flexibilidade do caráter, a capacidade de se abrir ou de fechar ao mundo exterior, dependendo da situação, constitui a diferença entre uma estrutura orientada para a realidade e uma estrutura de caráter neurótico. [...] É em torno do ego que essa couraça se forma, em torno precisamente daquela parte da personalidade que se situa na fronteira entre a vida pulsional biofisiológica e o mundo exterior. (REICH, 1995, p. 151-152)

CAPÍTULO 2 – INTEGRANDO O SAGRADO FEMININO À ENERGÉTICA REICHIANA

Segundo Mitchell (1988), Freud durante muito tempo preocupou-se em estabelecer a não existência de uma correlação em bases igualitárias entre a biologia e a psicologia em termos psicológicos do masculino e do feminino.

Em "Teorias Sexuais Infantis", de 1908 (*apud* Pommier, 1991), quando o conceito de castração é elaborado, Freud escreve que, quando o menino descobre o sexo feminino, ele "escotomiza" sua percepção. Vê um pênis ali onde não há:

Quando o menino vê as partes genitais de uma irmãzinha, seus comentários demonstram que seu preconceito já é bastante forte para alterar a percepção; ele não constata absolutamente a falta do membro, mas diz, de ordinário, à guisa de consolo e de conciliação: "o ainda é pequeno, mas quando ela for maior ele crescerá bem". (ANDRÉ, 1998, p. 12).

Quinze anos mais tarde (1923), no artigo sobre a organização genital infantil, Freud traz uma informação diferenciada, dizendo que o menino bem percebe na mulher uma ausência de pênis, mas concebe-a como uma castração unicamente na medida em que ele próprio já foi exposto a uma ameaça de castração; ou seja, a mulher foi submetida àquilo de que ele mesmo está ameaçado.

No artigo de 1927, "Fetichismo", é que irá aparecer uma nova noção, a da denegação, que permite conjugar ao mesmo tempo castração e a recusa desta – operação dupla que caracteriza o fetiche. Mas, em 1930, traz um ponto final a esse assunto trazendo uma informação ao campo da psicologia referente aos instintos nos dois gêneros:

Estamos acostumados a dizer que todo ser humano apresenta impulsos instintivos, necessidades e atributos do sexo masculino e feminino; mas embora a anatomia, é verdade, possa apontar as características da masculinidade e da feminilidade, a psicologia não pode. (FREUD, 1930, p. 105-106)

Por muito tempo o campo terapêutico e social ficou à mercê dessa visão freudiana e, graças a essa cisão de conceitos, muitos outros campos crescerem procurando uma lucidez na área da terapia da mulher.

No presente trabalho, dentro do contexto da visão arquetípica, temos com Jung (1987), uma a imagem da mulher com uma visão da sua psicologia tão diversa da masculina, como uma fonte de informação sobre as coisas que o

homem nem mesmo vê, a alma inconsciente, a natureza feminina, denominada *Anima*, que se manifesta através do sentimento, orientado para as ordens sociais.

Como imagem numinosa, isto é, como imagem afetiva espontaneamente produzida pela psique objetiva, a alma representa o eterno feminino [...]. Como padrão de comportamento, o arquétipo da alma representa os elementos impulsivos relacionados com a vida como a vida, como um fenômeno natural, não premeditado, espontâneo, com vida da carne, com a vida da concretude, da Terra, da emotividade, dirigida para as pessoas e para as coisas. [...] consiste nos anseios inconscientes do homem, em seus estados de espírito, aspirações emocionais, ansiedades, medos, inflações, depressões, assim como em seu potencial para a emoção e o relacionar-se. (DOWNING, 1998, p. 39)

Jung (1987) nos traz a visão do quanto a *Anima* está associada à malha universal de acontecimentos, ancestrais e atuais, pois ela é a imagem do sujeito tal qual como se comporta em face aos conteúdos do inconsciente coletivo sendo, portanto, uma expressão do inconsciente coletivo.

Se o *eu* se colocar no ponto de vista da *anima*, sua adaptação à realidade encontrar-se-á seriamente comprometida; estará perfeitamente adaptado ao inconsciente coletivo; mas não à realidade. Nesse caso, o sujeito também ficará desindividualizado. (JUNG, 1987, p. 156)

Dentro da visão de Jung a *Anima* interage diretamente com as estruturas psíquicas em toda a sociedade e as estruturas caractereológicas necessárias para a ordem social e as atitudes sociais herdadas, citadas no final capítulo anterior.

Aos seus cuidados está o manter íntegros os mecanismos de resistência que servem como meio de evitar o que é desagradável, e flexibilizar a energia (psíquica e social) através de seu poder de ordem social.

Bani Shorter (1989) nos diz que para que uma a mulher tenha *insights* e esclarecimentos a respeito das questões mais profundas de sua vida é necessário que elas comecem com as investigações de seu próprio corpo:

Quando a imagem se torna semelhança, há um movimento do *spiritus* para o *anthropos*. Esse acontecimento deve anunciar-se à mulher e ser por ela recebido, ser fisicamente implantado antes de poder se tornar consciente. (SHORTER, 1989, p. 70)

Afirma também que, escutar a linguagem do corpo compreende um complexo *espiritual-biológico* (Shorter, 1989) também incluso no psicológico

por registrar a expressão e a totalidade de si como indivíduo, devolvendo ao *Eu* o corpo e a alma, pois é na psique que *spiritus* e *anthropos* se unem.

O corpo é o grande berço revelador da história do ser humano. Nele estão intrínsecas toda a expressão da nossa ancestralidade, as projeções das sensações e dos sentimentos elaborados durante as etapas do desenvolvimento e toda a modificação, não somente do tempo, mas da linha de expressão de cada ser humano como centelha de vida em sua existência.

Segundo Konia (1991), as distorções perceptivas e cognitivas são defesas que alimentam uma falta de contato com o próprio *self* e com os outros, distanciando o *Eu* da percepção e da consciência. A percepção e a consciência dependem do restabelecimento das funções de autopercepção, da capacidade de sentir o corpo, e esse de forma integrada como um organismo único.

A vida de um corpo é função de seu metabolismo e de sua motilidade, onde o metabolismo provê a energia que resulta em movimento.

De acordo com Lowen (1982) nenhuma pessoa existe fora do corpo, pois através dele se relaciona com o mundo a sua volta e dele se expressa em mente, espírito e alma, intensificando a sua presença no mundo: "Quanto mais vivo o corpo, mais vividamente ele percebe a realidade e mais ativamente reage a esta" (LOWEN, 1979).

Para Reich (2003) a perda da autopercepção natural provoca uma cisão profunda da pessoa em duas entidades opostas contraditórias: o corpo *aqui* é incompatível com a alma ou o espírito *ali*.

Para resgatar o *self* feminino, em primeiro lugar precisamos desenvolver um melhor senso de si na consciência feminina e as diferenças entre os processos físicos e psíquicos.

Compreender a funcionalidade energética significa compreender o Homem em aliança com a natureza dentro e fora de si. O eu que observa e o objeto percebido formam a unidade funcional que possibilita a pesquisa natural científica que investiga, entende e protege a vida. A autopercepção do investigador, ou seja, a natureza energética dos seus impulsos vegetativos e das suas sensações orgânicas, além de ser o instrumento mais importante da pesquisa natural científica, estabelece a unidade funcional entre o vivo que percebe e a vida que é percebida. Aprofundar o conhecimento sobre a Natureza significa aprofundar o conhecimento sobre nós mesmos com consciência de nossos limites e possibilidades. (PAULA, 2006, p.1).

A energia está envolvida em todos os processos da vida, nos sentimentos, nos pensamentos e nos movimentos. Na visão da terapia reichiana a quantidade de energia que uma pessoa possui e como ela usa essa energia irá refletir em sua personalidade.

A personalidade é formada durante as etapas do desenvolvimento psico-afetivo pelas quais passa a criança desde a gestação. Para a sua formação incluem tanto os elementos geneticamente herdados (temperamento) como também os adquiridos do meio ambiente no qual a criança está inserida. (VOLPI, 2004, p. 2)

É através do ego que os seres humanos desenvolvem a personalidade. Ao nascer, necessitamos de amor proteção e cuidados. Depois desenvolvemos a autonomia, a identidade sexual e o poder pessoal, nossa autoconfiança. As dificuldades nessas buscas e as soluções que damos a elas podem deixar marcas em nossa personalidade.

Quando não conseguimos soluções favoráveis ficamos fixados em determinados comportamentos e isso ativarão bloqueios que limitarão a pulsação e a circulação de energia.

Lowen (1979) indica que a ligação entre a identidade funcional do caráter de uma pessoa com sua atitude corporal ou couraça muscular está relacionada com as tensões musculares, pois servem para proteger os indivíduos contra experiências ameaçadoras ou dolorosas, oriundas da própria personalidade como defesa de si e de terceiros.

Ao se conhecer a energética do corpo estimula-se à expressão das emoções, abrandam-se a rigidez física e mental e amplia a consciência universal.

CAPÍTULO 3 – VISÃO DE ENERGIA NO CONTEXTO REICHIANO

3.1. Os estudos de Reich até o descobrimento da energia Orgone

Wilhelm Reich (1897-1957), médico vienense, desde o início se interessou pelo aspecto biológico e quantitativo da energia. Seus trabalhos iniciaram-se dentro da Psicanálise com o conceito de energia libido, ao ponto que Freud supunha também que a energia libido tinha raízes biológicas e alertava que no futuro a psicanálise poderia estar fadada a ser substituída por uma psicobiologia.

Com base nos estudos biológicos, Reich (1998), passou a investigar o processo prazer-desprazer, definindo que os impulsos estão relacionados a uma lembrança motora de um prazer previamente experimentado.

Em 1924, presumiu que a libido, energia sexual, excitação concentrada na periferia do organismo, particularmente nos órgãos genitais, recua-se para o centro vegetativo e se acalma:

A sexualidade não poderia ser mais que uma função biológica de expansão para fora do eu, do centro em direção à periferia. Por seu lado a angústia a direção inversa, i.e., da periferia para o centro, de voltar para o eu. (REICH, 1998, p. 227)

Dessa forma estava evidenciado que na angústia não ocorria uma expansão energética saudável que permitisse uma descarga orgástica. Ocasionalmente, na sensação de desprazer, a parte periférica de contato do homem com o mundo, no ato sexual, na descarga orgástica, no trabalho, etc, seria evidenciada por uma tensão interior de contração da energia desse organismo.

Reich através de seus estudos obtivera confirmações na fisiologia experimental em que no centro energético estava a antítese entre o simpático e o parassimpático.

Calegari (1998) afirma que a psicanálise abandonou essas idéias abandonando a teoria da libido, enquanto Reich, entretanto, manteve essa visão mais concreta de energia libidinosa ao desenvolver seu trabalho de Análise de Caráter, técnica clinicamente desenvolvida e testada entre 1925 e 1933.

Até esse momento as neuroses e as psicoses funcionais eram sustentadas pela teoria da energia psíquica (energia sexual excessiva e inadequadamente descarregada) sendo responsável pelas perturbações sexuais humanas.

Para Reich (1998) já se era sabido que as enfermidades psíquicas estavam sem dúvidas enraizadas no corpo e presumiu assim que as proliferações psíquicas eram alimentadas por uma estase de energia. Em observações clínicas, citadas em sua obra *A Função do Orgasmo* (1998), pôde constatar que os afetos irrompiam somaticamente mediante o afrouxamento da defesa psíquica e que a energia sexual era contida por tensões musculares crônicas. A cólera e a angústia podem ser interrompidas por tensões musculares.

Reich (1998) afirmava que a dissolução de uma tensão muscular resultava em expressões básicas no corpo, anteriormente era manifestadas em formas de angústia, ódio e excitação sexual, e que durante o processo terapêutico as inibições de caráter eram espontaneamente liberadas com irrupções de energia vegetativas, e de forma mais rápida, completas e emocionalmente sentidas.

Assim a libido passou a ser entendida como uma energia concreta que se mantinha fixada nas *blindagens do caráter* (Calegari, 1998), onde o indivíduo saudável era aquele que conseguiria descarregar o excesso libidinoso pelo prazer genital, existindo um relacionamento direto entre a capacidade para fluir emocional e fisicamente e a descarga de sentimentos e sensações durante o ato sexual.

O rompimento de Reich com a psicanálise, de acordo com Calegari (1998), marca o período da *Análise de Caráter*, e, é formado pela idéia de que o aspecto econômico-energético coloca em primeiro plano as questões biológicas e quantitativas de energia, centrado no "como" do funcionamento psíquico, enquanto que na psicanálise a libido está ligada a representações psíquicas e, portanto ao aspecto qualitativo, sendo "o que" e o "por que" ocupam o centro da atenção terapêutica.

Estudando as mudanças nas posturas corporais que acompanhavam a expressão das emoções, Reich, verificou que as *blindagens do caráter*, sendo uma couraça caracterial psíquica, correspondiam a uma couraça muscular somática, que conforme Raknes (1988) poderiam resultar em espasmos,

cãibras e tensões, sendo assim a expressão corpórea das emoções e das idéias, bem como da ancoragem somática das neuroses.

Todos esses fenômenos somáticos, caracterizados pelo movimento das estruturas rígidas, fluidos mecânicos, foram classificados como *correntes vegetativas* (Reich, 1998).

De acordo com Volpi & Volpi (2003), esses movimentos decorrentes da ansiedade e da falta de entrega do organismo, abrangendo convulsões generalizadas do corpo e a perda temporária da consciência estavam ligadas diretamente com a fórmula do orgasmo: tensão mecânica → carga bioelétrica → descarga bioelétrica → relaxamento, e que confirmaram o conceito de couraça como um mecanismo de defesa, elaboradora e mantenedora da neurose, denominado de caráter:

[...] quando remontamos analiticamente à origem dessa "couraça" de caráter vemos que ela tem, também uma função econômica definida. Tal couraça serve, por um lado, de proteção contra os estímulos externos, e por outro, consegue seu um meio de obter controle sobre a libido [...] nas formações reativas neuróticas, nas compensações, etc. (REICH, 1995, p. 56)

A descoberta da energia orgone, em 1939, conforme Reich (1998), foi resultante do conceito da *energia psíquica* do campo da psiquiatria. Reich demonstrou que o conhecimento das funções emocionais da energia biológica é imprescindível para que se compreenda a função física e fisiológica nos processos emocionais que governam os processos psíquicos, pois as emoções biológicas são expressões diretas de uma energia física.

3.2. A energia Orgone

Primeiramente Reich acreditava que o orgasmo era uma energia específica aos organismos vivos, mas posteriormente definiu-o como uma energia pré-atômica universal, que posteriormente chamou de orgone.

Estudando essa bioenergia, concluiu que a energia que ele observara nas estruturas vivas também estava nos materiais não-vivos e na atmosfera. Trabalhando com conceitos físicos Reich descobriu ser possível acumular essa energia além de permitir fluir e desfazer bloqueios de energia através do corpo.

Segundo Reich (1995), a energia orgone funciona no organismo vivo como energia biológica expressando-se tanto nas emoções quando nos movimentos, e fora do organismo como energia cósmica.

Abreviadamente como OR, a energia orgone é a energia primária que preenche todo o Universo. Formadora da matéria, permeia tudo, estabelecendo relações específicas com as várias formas de matéria e com as demais formas energéticas.

As formas energéticas que estamos acostumados seja o calor, a eletricidade, a energia química, a mecânica e a atômica, são liberações energéticas a partir da matéria, que ocorrem através de alterações potenciais, moleculares, eletrônicas ou atômicas, e obedecem à entropia (movem-se no sentido da igualação e da homogeneização do universo).

A energia OR obedece a outro método de funcionamento:

[...] antientrópico, ou seja, promove um fluxo energético do potencial mais baixo em direção ao mais alto, acentuando assim as diferenças, criando desigualdades e individualidades energéticas, seja na formação da matéria, de astros e galáxias ou da própria vida. (CALEGARI, 2001, p. 16)

A característica básica da energia OR é o movimento ondulário, pulsante e espiralado. A pulsação é expressa por um movimento de onda em seu deslocamento no espaço e por pulsação alternando movimentos de expansão e contração:

Atrair energia, começar a pulsar e movimentar um metabolismo energético parecem ser as primeiras ações da substância animada, bem como as primeiras manifestações da vontade de viver, comum a tudo que está vivo. (RAKNES, 1988, p.88)

A matéria não viva não sente porque nesta existe a ausência do movimento pulsatório, transmite uma imediata impressão de imobilidade, não tem movimentos espontâneos:

Exatamente como todas as emoções e reações na vida brotam de sensações de órgãos e movimentos expressivos e correspondem a eles; exatamente como o organismo vivo forma idéias do mundo que o cerca a partir das impressões que deriva das expressões do mundo à sua volta; do mesmo que todas as emoções, reações e idéias do organismo encorajado estão condicionadas pelo seu próprio estado de mobilidade e expressão. (REICH, 2003, p. 59)

3.3. A pulsação e o conceito de couraça

A pulsação da energia OR e seu funcionamento se tornam indispensáveis para a compreensão do funcionamento energético do ser humano.

Nos estudos da energia OR, Reich constatou que, quanto mais flexível é o material plasmático interno das células (*bions*) de animais e de vegetais, "mais vital é o sistema vivo, pois maior é a sua capacidade de mover-se impulsionado pela pulsação energética" (CALEGARI, 2001, p. 67).

Recordando a biologia das células, podemos lembrar que qualquer organismo vivo, mesmo que unicelular, com sistema energético fechado, é constituído de um material plasmático delimitado por uma membrana, com movimentos de pulsação interna, conferindo-lhe a função de vida.

Esse material plasmático se comunica com o meio, fazendo suas trocas energéticas, através dessa membrana, localizada na periferia, que é um sistema protetivo do cerne que absorve ou retém essa energia em seu interior.

Dessa forma temos um centro (cerne) que possui uma tensão energética dado pelo movimento da pulsação, enquanto que na periferia essa membrana possui sua função de contenção e estruturação, dada a tensão mecânica de manter a integridade desse cerne.

Segundo Volpi & Volpi (2003), todas as informações do organismo são transmitidas através dos neurônios e estão limitadas por uma vivência corporal. O recebimento das informações se dá por meio dos receptores, localizados em todo o corpo (quimiorreceptores, osmorreceptores, fotorreceptores, termorreceptores, nociceptores, mecanorreceptores) que são classificados em três categorias: (1) os que são ativados por sensações provindas de agentes externos, como frio e calor e, se localizam na superfície externa do corpo (exterorreceptores), (2) os que são responsáveis pelos movimentos, localizando-se mais profundamente situando-se nos músculos, tendões, ligamentos e cápsulas articulares e (3) os responsáveis pelas sensações viscerais, localizadas nas vísceras e vasos, que regulam nossa fome, sede, prazer sexual e a dor.

Aos mecanismos limitadores dessa pulsação vital, Reich (1998), chamou-os de couraças vegetativas, sendo estruturas de respostas que se tornaram automáticas pelo ser e, portanto inconscientes, com a função de manter a preservação da identidade da vida e os riscos inerentes a ela como vividos.

As couraças vegetativas estão ligadas diretamente ao sistema nervoso autônomo e às vísceras e não podem ser acessadas diretamente pelo ego, senão por uma vivência corporal e por uma vivência psíquica para a autopercepção e consciência.

Os músculos que denominam as formas específicas de sentir e agir, das experiências, quando encouraçados, isto é, sem capacidade de livre expansão e contração, compõem a denominada couraça muscular.

O que ocorre no plano da vivência psíquica, paralelamente à organização da couraça muscular, conhecida como couraça caracteriológica, é:

[...] responsável por nossa forma física e comportamental, [...] restringindo a possibilidade de percepção e de pensamento, [...] estruturando idéias, conceitos, preconceitos e interpretações específicas sobre a percepção do mundo e de nós mesmos. (CALEGARI, 2001, p. 67)

As imagens que temos de uma construção mental provém dessa vivência corporal, que quando desequilibradas produzem as neuroses, decorrentes das couraças muscular e caracteriológica.

Percebemos que para a consciência, nas etapas de vivência corporal, vivência psíquica e autopercepção, as couraças estão a serviço de auxiliar na organização energética do processo vital, garantindo o mecanismo de expansão e de contração, da pulsação, do funcionamento da integralidade do ser humano.

Todas as coisas vivas reagem como um todo, liberando estímulos internos, tanto quanto estímulos externos atribuídos a seu fluxo OR:

Quando uma pessoa apresenta distúrbios no seu nível de energia vital, isso pode significar possuir energia vital de menos (desabastecimento) ou de mais (superabastecimento). [...] Se a energia vital não flui, surge um bloqueio no corpo, um represamento de energia e, conseqüentemente, um represamento de emoções. (REICH, 1998a, p.30)

De acordo com Lowen (1979), a ligação entre a identidade funcional do caráter de uma pessoa com sua atitude corporal ou couraça muscular está relacionada com as tensões musculares, pois servem para proteger os indivíduos contra experiências ameaçadoras ou dolorosas, oriundas da própria personalidade como defesa de si e de terceiros.

Para manter o equilíbrio e reter energia em tensões o conceito de energia (tensão mecânica → carga bioelétrica → descarga bioelétrica → relaxamento) é lesado e surgem as biopatias.

Segundo Raknes (1988), Reich classificou entre as biopatias primeiramente as neuroses e psicoses, depois, doenças como o câncer, distúrbios cardiovasculares, somatizações em geral, e em alguns casos como alcoolismo crônico e outras.

CAPÍTULO 4 - A PULSAÇÃO DAS DEUSAS CONTEMPORÂNEAS

Pudemos constatar que os seres vivos são dotados de uma carga energética que tem circulação pulsante e um metabolismo próprio que estabelecem contato com o exterior e com ele mesmo:

O contato consigo mesmo determina o estado de consciência, e é preciso sublinhar que esse estado se adquire aos receptores próprios e exteroceptores, no mecanismo de percepção que se torna apercepção. O estado de consciência sadio é dialeticamente ativado por uma boa relação com o mundo interior e o mundo exterior, sendo fundamental para a instauração de um bom contato com os outros. Essa é a significação da vida do indivíduo que se exprime, na fórmula do orgasmo enunciada por Wilhelm Reich, "tensão-carga-descarga-relaxamento", como pulsação energética. (NAVARRO, 1995a, p. 25-26)

De acordo com Raknes (1988), fatores externos podem bloquear os movimentos de pulsação, impedindo o sistema humano, como um todo, de funcionar livremente na sua qualidade saudável energética.

Se qualquer fator externo ameaça bloquear essa pulsação, o organismo cuidará de libertar-se ele mesmo do obstáculo destruindo-o ou evitando-o. Se o organismo consegue realizar isso, mantendo inalterada a sua pulsação, dizemos que o organismo é sadio. Se, porém, é permitido ao obstáculo atuar por um tempo suficientemente prolongado para que determinadas partes do organismo, vastas ou limitadas, não participem da pulsação, ou se o obstáculo danifica ou destrói partes mais ou menos grandes do organismo, então afirmamos que o organismo está doente. (RAKNES, 1988, p. 119)

A pulsação energética, como mecanismo de defesa, estará condicionada a um padrão de tensões para que se mantenha a personalidade unida, evitando-se dissociação e a hipersensibilidade devido a um limite precário do ego.

Essa sistemática de pulsação ocorre em decorrência de todos os acontecimentos vividos durante a vida, principalmente aqueles ocorridos na primeira infância. Acontecimentos estressantes e traumáticos, muitas vezes deixam no corpo marcas profundas e irreversíveis, bloqueando dessa forma a energia e impedindo a pulsação do organismo.

De acordo com Navarro (1995b) esse bloqueio é uma reação contra a atmosfera de rejeição o que não impede a progressão de desenvolvimento nas fases do desenvolvimento infantil, "mas o desenvolvimento psico-afetivo será caracterizado por certas perturbações de comportamento que poderão chegar às crises psicóticas da puberdade e da adolescência" (Navarro, 1995b).

A "frustração interna" expressa pelo ego diante da adaptação necessária à vida em sociedade deve caminhar integrada à identidade do Eu. "Tal integração, entretanto, só é possível após a liberação do ego infantil e a consequente desidentificação do ego adulto em relação aos papéis infantis". (CALEGARI, 2001).

A contenção da pulsação saudável resulta em um colapso do organismo, uma estagnação da carga energética, e em decorrência gerará a ambivalência, a dúvida e a culpa (reações secundárias), decorrentes da contenção, como também a sensação de vergonha ou de ridículo, resultando em um controle racional estrito, autocrítica feroz e um isolamento do orgone bioenergético impossibilitando formas eficientes de descargas, e de possibilidade de ter prazer.

Navarro (1995a) destaca que essas reações secundárias são provenientes da emoção e diretamente ligadas à ansiedade de espera em relação ao medo de ser aceita e de ser amada (angústia de abandono).

O "excesso de excitação inunda o organismo, inunda os limites do ego e varre a sensação de si-mesmo" (LOWEN, 1986).

Haverá um certo grau de reserva na sexualidade, tanto no que concerne a sua libido e a extroversão de seu corpo, e as necessidades profundas de satisfação e entrega na relação.

De acordo com Reich (1995), a couraça servirá por um lado como proteção contra os estímulos externos e, por outro, garantirá a obtenção do controle sobre a libido, e essa função de defesa irá se combinar com uma projeção de relações infantis com o mundo exterior, como meio de evitar o que é desagradável e, por fim, "de consumir quantidade recalcadas de energia pulsional e/ou quantidade que escaparam à repressão" (REICH, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS – O reequilíbrio das feridas sagradas

A partir da concepção reichiana é possível relacionar os movimentos de expansão e contração do funcionamento do comportamento energético das nossas Deusas do Século XXI em sua energética funcional-social demonstrando que em termos de pulsação os movimentos de expansão estão relacionados às qualidades de nossas mulheres-deusas, no sentido da busca do equilíbrio do *self*, na harmonia, no prazer da vida, no impulso criativo e na procura da realização.

Como contração, teremos as características que limitam a energética natural saudável, relacionadas às mágoas profundas, que todas sofreram e os conflitos psicossociais, as *chagas das deusas*.

A fragmentação das deusas ancestrais no patriarcado deixou de heranças nas deusas contemporâneas aspectos positivos e negativos decorrentes da evolução da humanidade.

Estamos assim, perante a busca de certos valores que têm como suas raízes, na estrutura humana, que é uma estrutura caracterial. Inevitavelmente, a repressão, em qualquer forma e nível, de um desenvolvimento psicoafetivo sadio altera a expressão, elemento de fundo da temática reichiana. (NAVARRO, 1996, p.09)

Ainda em termos de pulsação todos os seres vivos estão suscetíveis a sentimentos e emoções:

Um sentimento não é uma idéia ou uma imaginação – é um acontecimento energético no corpo. Existe algo que flui dentro de nós. Quando estamos felizes, nos esticamos, nos expandimos para o mundo. Quando temos medo nos retraímos dentro de nós mesmos. (REICH, 1998a, p.30)

Paradoxal é que, os estigmas femininos, as *chagas das deusas* (Woolger & Woolger, 2007), consideradas as mágoas profundas empreendidas pelo confronto das forças masculinas e femininas na cultura ocidental, muitas vezes são passados por uma outra mulher, muitas vezes a própria mãe:

Ela também portadora dos preconceitos inerentes a uma cultura paternalista, que nos coloca diante de um discurso e atitude machistas, tanto no modo de agir com as filhas, quanto nos passando, o seu sentir desvalorizada. Aliás muitas agem de forma bastante ambivalente em relação ao bebê menina, que pode ser esperada como um menino. (COBRA, 1997, p.1)

Ainda estamos bem acostumados aos estigmas sociais femininos: a mulher considerada como sexo frágil, tem que se bela, doce e meiga, recatada, oferecer o dote no casamento, ser uma boa mãe, uma boa dona de casa, uma boa amante, porém discreta em sua sensualidade quando comprometida.

A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, isto é, vêem-se com os olhos dos homens. É muito importante o resgate do feminino ancestral para a compreensão atual da classe feminina.

Considero as *chagas das deusas* nos trabalhos que realizo com mulheres em grupo, Resgate do Sagrado Feminino, como "*feridas sagradas*" (CALEGARI & FONTANELLA, 2009).

Também podemos concluir que na concepção das *feridas sagradas* os processos de formação do caráter, que de acordo com o ego tem como função evitar angústias que reprimem as pulsões do organismo, e a constante autoproteção contra as influências externas no decorrer da história da vida de uma mulher, no sentido em que existe uma relação definida entre o impulso energético:

[...] quanto mais a angústia real é evitada mais forte se torna a angústia [...] a formação do caráter origina-se e é motivada pela necessidade de evitar os perigos implicados na satisfação das pulsões. Uma vez que a couraça tenha se formado, entretanto, o princípio do prazer continua a atuar, visto que o caráter, tal como o sintoma, serve não só como defesa contra as pulsões e um meio de ligar a angústia, como também para satisfazer pulsões distorcidas. (REICH, 1995, p. 168-169)

As *feridas sagradas* ao serem tocadas em primeiro momento ocasionam dor, mas quando relacionadas à nossa ancestralidade e história social, podemos resignificá-las e até curá-las.

Quando o fluxo do movimento energético se encontra alterado, a consciência adquire um estado confusional que dificulta a percepção da própria alteração do movimento. O Homem provém do espaço e do tempo com que se relaciona e sua evolução é uma história natural conseqüente desta relação energética. (PAULA, 1994, p. 109)

O Resgate do Sagrado Feminino unido ao contexto de reconhecimento da pulsação energética reichiana pode remodelar uma sistemática feminina contemporânea mais saudável e livre das feridas sagradas. Pode proporcionar as nossas mulheres contemporâneas reconhecer-se em sua própria identidade e afirmar o seu direito de existir a seu próprio modo, vivendo e desenvolvendo a sua personalidade.

Quando uma mulher reconhece a perspicácia e a agudeza de sua mente como uma qualidade feminina, "está apta a desenvolver uma imagem positiva de si mesma, em vez de temer que está sendo masculinizada" (BOLEN, 1973, p. 79).

Segundo Estés (1994), quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a sua natureza recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, uma inventora e uma ouvinte guia. Estimulam dessa forma uma vida vibrante nos mundos interior e exterior estendendo a vida à capacidade de autopercepção e autoconsciência em contato com o corpo em seu estado vivo ou espontaneamente responsivo.

"As mulheres tecem tramas invisíveis que mantêm o mundo coeso. Se a trama enfraquece, a oportunidade de sustentar o mundo nos momentos caóticos será perdida" (BORYSENKO, 2006, p.8).

Nesta nova visão do conhecimento de pulsação no resgate da energia do sagrado feminino reencontramos a capacidade de regularmos a própria energia, e por consequência, pensamentos e emoções com oportunidade de alcançar uma vida mais saudável, individualmente ou no Todo (Universo).

Que a possibilidade de interação, dentro dessa visão contemporânea da Terapia da Mulher, entre as energéticas funcionais de nossas mulheres-Deusas se estendam cada vez mais nos trabalhos hoje existentes de Círculos de Mulheres e Jornadas do Sagrado Feminino, pois para poder amar outra pessoa é necessário primeiro ser capaz de amar a si mesma; "[...] amar os outros significa deixá-los ser exatamente como são. Significa testemunhar o que você e seus entes queridos são com amor, graça e satisfação" (MARASHINSKY, 1997, p.42).

O espaço que damos aos outros em nossa vida depende de quanto damos espaço a nós mesmas.

Dessa forma reencontramos a capacidade de regularmos a própria energia, e por consequência, pensamentos e emoções com oportunidade de alcançar uma vida mais saudável: Somos a teia e somos quem a tece!

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Serge. **O que é uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BOLEN, Jean Shinoda. **Goddesses in Everywoman: a new psychology of woman.** Nova York: Harper & Row, 1973.
- BONEWITS, Isaac. **THE DRUID CHRONICLES (Evolved).** Berkeley: Drunemeton Press, 1976.
- BORYSENKO, Joan. **Paz interior para mulheres muito ocupadas.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
- CALEGARI, Dimas. Apostila 5 do curso: **Da Teoria do Corpo ao Coração.** São Paulo, 1998.
- CALEGARI, Dimas. **Da teoria do corpo ao coração: uma visão do homem a partir da energia cósmica.** São Paulo: Summus, 2001.
- CALEGARI, Daniel & FONTANELLA, Tamaris de Campos. **A busca do sagrado feminino através da dança e dos movimentos corporais.** In: Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais, XIV, IX, 2009. Anais, Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3].
- CAMPBELL, Joseph. **Mitologia na vida moderna: ensaios selecionados de Joseph Campbell.** Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 2002.
- COBRA, Geny de O. **Reich e o Feminino.** Encontro de Psicoterapia Somática - Cem Anos de Wilhelm Reich. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1997.
- DOWNING, Christine. **Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida.** São Paulo: Cultrix, 1998.
- ENGELS, F. **El origen de la familia, de la propiedad privada e del estado.** Buenos Aires: Clariedad, 1884.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: Uma fábula sobre o que é suficiente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FREUD, Sigmund, **Standart Edition, XXI.** 1930.
- GAIARSA, José Ângelo. **Couraça muscular do caráter: Wilhelm Reich.** São Paulo: Agora, 1984.
- GRISCOM, Chris. **A fusão do feminino.** São Paulo: Siciliano, 1991.

- HARDING, M. Esther. **Os mistérios da mulher antiga e contemporânea**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. OC XII. Petrópolis: Vozes, 1991.
- KONIA, C. **Orgone Therapy**: Part XI, The Application of functional Thinking in Medical Practice, USA, The Journal of Orgonomy, vol.25 n. 1, Maio, Orgone Publicationas, Inc, pp 42-56, 1991.
- LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.
- LOWEN, Alexander. **Medo da Vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo São Paulo: Summus, 1986.
- LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.
- MARASHINSKY, Amy Sophia. **O Oráculo da Deusa**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MATTEWS, Caitlín. **Elementos da Deusa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- MCCULLOG, J.A. **Religion of the Ancient Celts, The**. Constable, 1911.
- MITCHELL, Juliet. **Psicanálise da sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MORAIS, Vamberto. **O retorno da Deusa**: Feminismo e religião. São Paulo: Ibrasa, 2001
- NAVARRO, Federico. **Caracteriologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995a.
- NAVARRO, Federico. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica**: sistemática, semiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.
- NAVARRO, Federico. **Somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. São Paulo: Summus, 1995b.
- OLIVEIRA, M. H. P. S. **A influência da resistência no tratamento da neurose**. Monografia - Especialização em Análise Bioenergética, Universidade Católica de Pernambuco, Departamento de Psicologia, Recife, 2004.
- PAULA, Maria Beatriz Thomé. **O ser humano como movimento energético**. In: Energia, caráter e sociedade. Rio de Janeiro: IOOR/EOLA, vol. 3, 1994, pp. 105-113.
- PENNA, Lucy. **Dance e recrie o mundo**: a força criativa do ventre. São Paulo: Summus, 1993.

POMMIER, G. **A Exceção Feminina: os impasses do gozo.** Rio de Janeiro: J.Z.E., 1991.

PRIETO, Claudiney. **Todas as Deusas do mundo: rituais wiccanianos para celebrar a Deusa em suas diferentes faces.** São Paulo: Gaia, 2003.

QUINTINO, Cláudio Crow. **A religião da grande deusa: raízes históricas e sementes filosóficas.** São Paulo: Gaia, 2000

RAKNES, Ola. **Wilhelm Reich e a Orgonomia.** São Paulo: Summus, 1988.

REICH, EVA. **Energia Vital pela bioenergética suave.** São Paulo: Summus, 1998a.

REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo: Problemas econômicos sexuais da energia biológica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, Wilhelm. **O Éter, Deus e o Diabo** seguido de **A Superposição Côsmica.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SHORTER, Bani. **A obscura formação de uma imagem: (mulheres e iniciação).** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

VOLPI, José Henrique. **Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a psicologia corporal.** Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 12/07/2009.

VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Reich: da psicanálise à análise de caráter.** Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

WOOLGER, Jenifer Baker & WOOLGER, J. Roger. **A Deusa Interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** São Paulo: Cultrix, 2007.

